



DIABLO
Testemunha

UM CONTO DE
ALMA KATSU

História

ALMA KATSU

Editorial

ERIC GERØN

Consultoria de história

IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

LEWIS HARRIS, VIVIANE
KØSTY, JØE SHELÝ, DANIEL
TANGUAY

Produzido por

BRIANNE MESSINA

Design por

CØREY PETERSCHMIDT

Ilustrações

IGØR SIDERENKØ

BILZARD
ENTERTAINMENT

©2023 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logotipo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas comerciais registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos ou em outros países.

Testemunha



Sempre sei quando um visitante está para chegar. O ar em meu salão — normalmente estático e repleto de fumaça e poeira — tremeluz como se estivesse vivo.

E logo depois, está.

Em questão de minutos, um estranho se materializa. Torna-se carne e osso a partir do nada diante de mim.

Os visitantes de primeira viagem sempre são surpreendidos. De repente, se encontram em um salão desconhecido, diante de uma figura misteriosa envolta em sombras e névoa. Era isso que esperavam? Às vezes, são enviados contra a vontade e não têm ideia do que está acontecendo com eles. Mas geralmente escolhem fazer essa jornada, mesmo que não saibam que os levará até aqui. Não sei o que disseram a eles que aconteceria, e nunca pergunto.

Preciso manter distância desses visitantes. Sou uma escriba. Uma diligente registradora da história. Perguntar iria contra as regras.

Mas eu também sou algo mais. Sou uma facilitadora nas questões dos mortais.

Eu observo o ar adensar diante de mim enquanto pressiona na direção de outra dimensão. Cores aparecem: a bruma cinza da fumaça, feixes brancos ofuscantes, as pepitas dos olhos azuis do homem, o brilho do cabo de metal da espada dele. E então ele está de pé e inteiro, na minha frente. Este é alto, magro e esguio. A idade é difícil de definir — nem jovem, nem velho — mas é claramente forte e ágil. O cabelo dele é comprido, mas o rosto não corresponde à quantidade de anos necessária para ficar tão acinzentado. Ele usa roupas de viajante, um manto e boas botas. Tudo bem-feito e caro, mas bastante usado. Ele tira o chapéu de abas largas e revela um rosto que lembra uma raposa. Maçãs do rosto salientes, nariz pontudo. Há inteligência naqueles olhos, mas também um toque de frieza: ele está na defensiva. De longe, o mais honesto de seus traços é a boca, que é sarcástica, perspicaz e firme.

Este tem algo especial. E não é só a espada dele. É uma lâmina séria, feita para ser usada. Não apenas um aviso.

Ele não fica desorientado por muito tempo, não como a maioria dos visitantes. Às vezes, os convidados vêm através de sonhos, mas na maioria das vezes eles fazem a jornada de Santuário usando elixires e até mesmo certos chás. Ele parece estar se recuperando dos efeitos rapidamente. Ele provavelmente não tomou muito do que tomou, ou talvez tenha usado o menos potente. Não foi tintura de beladona ou salvia divinorum. Talvez, na pior das hipóteses, uma pitada de sangue de cão ou chifre de cervo em pó. Mas é impossível saber. Muitos dos que se dizem mágicos são charlatães, e quem sabe o que colocam nas poções?

Ele fecha os olhos e respira fundo para se equilibrar. Quando ele abre os olhos novamente, seu olhar se fixa em mim. Meu cabelo ainda é quase todo preto, meus olhos são verdes como o mar. Se alguém viesse em busca de uma Damji, ao olhar para mim, saberiam que encontraram uma.

De qualquer forma, minha roupa foi escolhida para esconder. Há pouca pele exposta, entre minhas caneleiras, mangas e um corpete formado por tiras de couro e encaixes de bronze. Um capuz esconde os detalhes do meu rosto. Esconde também os olhares e piscadas que poderiam revelar o que estou pensando. Não



⊕ S HEDAJI ESTÃ⊕ ENTRE AS
CRIATURAS MAIS MISTERIOSAS DO
UNIVERSO. ALGUNS VISITANTES
ME PROCURAM APENAS POR
CURIOSIDADE.

posso deixar os visitantes saberem o que está acontecendo em minha mente. O capuz mostra ao visitante o que o conforta e atrai: meus notáveis olhos claros e o sorriso que muitos dizem que ainda é enfeitiçante. Um sorriso para deixar o visitante à vontade, prometendo uma escuta paciente e compreensiva.

O olhar dele cai para minhas mãos e antebraços. Tatuagens espreitam por minhas mangas. Podem ser confundidas com símbolos, mas são palavras. Ele não conseguirá discernir o significado. Este idioma está morto há muito tempo. Mas sobre as palavras há novas imagens, desenhos que rastejam sobre as velhas tatuagens, que se enrolam nelas, se fundem com elas, as encobrem. Meu presente escondendo meu passado. Há uma mensagem ali, se houver paciência. Mas os olhos dele se desviam rapidamente e vão até minhas mãos manchadas de tinta. As manchas chegam até o meio dos meus antebraços, pois são um sinal do meu ofício, e já o exerço há muito, muito tempo.

Ele olha para um dedo em particular. Foi amputado acima da segunda articulação e coberto com uma joia obscura: um tinteiro. O tinteiro é uma das ferramentas do meu trabalho. É o reservatório que contém a tinta que se mistura com meu sangue para criar uma tinta especial.

Ele abre a boca como se fosse fazer uma pergunta. Com a mesma rapidez, ele lambe os lábios, sorri ironicamente, mas não pergunta nada. Ele sabe o que essa amputação significa?

Eu não vou perguntar. Tenho certeza de que ele não pode me machucar e sinto que ele também sabe disso.

“Bem-vindo, estranho”, digo com minha habitual confiança, embora hoje não a sinta da mesma maneira. Normalmente, fico feliz em receber um visitante. Gosto da companhia, da distração.

Mas não desta vez.

Então, ele sorri e começa a entender onde está. Onde acabou parando. “Em nome de todo inferno... Bem, não é possível. Funcionou, não foi? Você é Hedaji, não é?”



Os Hedaji estão entre as criaturas mais misteriosas do universo. Alguns visitantes me procuram apenas por curiosidade.

Eu não sabia nada sobre os Hedaji antes de conhecer Badaal, o homem que se tornaria meu mentor. Badaal viu algo em mim que o fez pensar que eu me daria bem como um deles. Na época, eu não estava em posição de recusar.

Isso aconteceu há tanto tempo que, na verdade, perdi a conta da quantidade exata de anos. Claro, o tempo não tem sentido para os Hedaji, assim como seria para qualquer um que pudesse ver o passado, o presente e o futuro.

O estranho não sabe que tem sorte de me visitar. Não preciso ser modesta: sou uma das Hedaji mais respeitadas. Testemunhei muitos e muitos feitos épicos, registrei muitas batalhas temíveis e muitas mortes gloriosas. Isso porque nunca perdi minha curiosidade. Mesmo depois de todo esse tempo, estou ansiosa para aprender mais. O conhecimento é uma força tão poderosa quanto uma armadura. O conhecimento é uma arma por si só. Alguns Hedaji se contentam em ser evocados para testemunhar um ou outro momento importante, mas eu sempre me joguei de cabeça na caça. Minha sede é infinita, minha busca ilimitada.

Mas o motivo da minha busca mudou.



O visitante recua e começa a andar perto das paredes do recinto, como um animal selvagem preso em um cercado, tentando encontrar uma saída. Ele dá alguns passos em uma direção, depois se vira e sai em outra. Uma neblina espessa se ergue de repente e o detém como uma parede. Ele fica parado, tentando encontrar uma maneira de contorná-la, embora não consiga vê-la direito, nem saber se é sólida.

AS CARTAS APARECEM DΘ NADA
QUANDΘ VΘU PEGÁ-LAS. ELAS
DANÇAM SΘBRE MINHAS MÃΘS, SE
EMBARALHANDΘ SΘZINHAS.

“Onde estou?” A voz dele tem uma qualidade musical. Faz ele parecer mais gentil do que provavelmente é. Mas ele está preso e sabe disso.

Estendo uma mão em direção ao centro da sala, tentando guiá-lo para longe das paredes. “Bem-vindo, estranho. Fique à vontade. Qual é o seu nome?”

“Giaran. Meu nome é Giaran.” Este não será o nome dele quando nos despedirmos, disso não tenho dúvidas.

“Você está em meu salão. Você não queria vir aqui? Este não é um lugar fácil de achar. Poucas pessoas chegam aqui por acidente...”

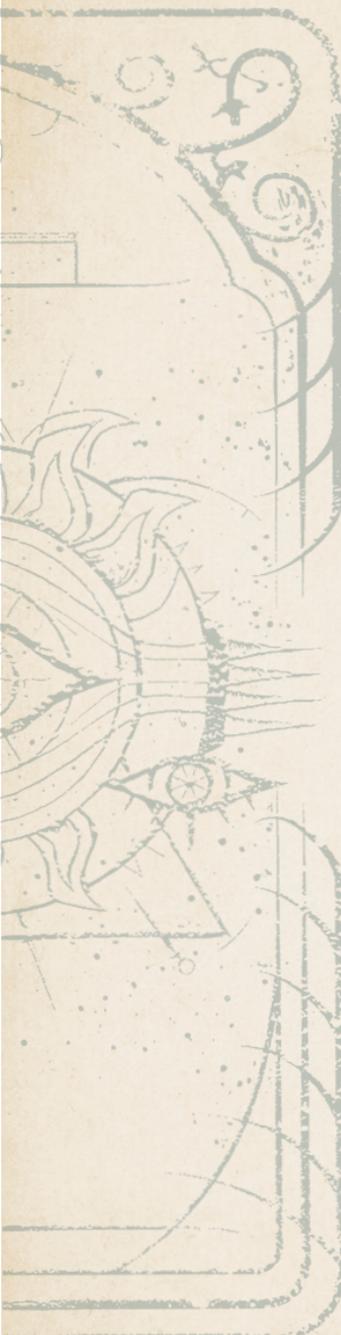
“Sim, eu vim de propósito. Fui ver um alquimista recluso. Ele foi bem recomendado. A última coisa que me lembro é de beber uma poção...” Uma mão flutua para a testa dele. Ele fecha os olhos, tentando se agarrar a uma memória que quer desaparecer.

Há algo diferente em Giaran. Algo parece errado. “Você está bem. Você está exatamente onde deveria estar. Fique à vontade para explorar — minha residência é o lar de muitas curiosidades, muitos tesouros — mas saiba que nosso tempo é limitado e quero que você consiga o que busca. Está procurando algo especial?”

Ele me olha de cima a baixo agora, como se nunca tivesse visto alguém como eu. “Você é Hedaji, não é? O homem que me deu a poção disse que evocaria um Hedaji...”

“O efeito é o contrário”, eu explico gentilmente. “Ele trouxe você até mim.” Enquanto conversamos, sinto que há algo familiar nele, embora nunca tenhamos nos encontrado. Afinal, viajei por todos os cantos de Santuário. Já vi mais tribos e clãs do que qualquer um, exceto os próprios deuses, então não me deixo distrair por essa estranha sensação de déjà vu.

“Meu nome é Tejal. Venha, sente-se à minha mesa.” Uma enorme mesa de madeira se materializa entre nós ao meu comando. Está coberta por uma antiga



toalha de mesa vermelha, puida em algumas partes. Está ancorado com pedras de toque: um crânio cerimonial, moedas da sorte, uma lâmina divina.

Ele toca a toalha como se quisesse se convencer de que é real, depois cambaleia até o assento à minha frente.

“Diante de você está a generosidade da história!” As cartas aparecem do nada quando vou pegá-las. Elas dançam sobre minhas mãos, se embaralhando sozinhas. Quando estendo meus braços para os lados, as cartas voam, formando um círculo que flutua no ar. O visitante fica boquiaberto, como deveria: está claro que cada carta se agita com vida própria, cada uma é um portal para sua própria história. E quando eu junto minhas mãos novamente, as cartas seguem, caindo no lugar e formando uma pilha novamente. Esperando.

Para cada carta, há uma imagem na frente. Geralmente uma pessoa, mas às vezes um objeto. E essa mesma pessoa ou objeto também aparece sobre meu ombro em uma luz fraca, como um espírito escapando de outro plano.

“Este item é de seu agrado?” Eu faço a carta pairar no nível dos olhos de Giaran para que ele possa ver a imagem antes de virar a carta e revelar o texto, a história da pessoa ou do artefato. Há um rio de palavras, minúsculas e compactas, pequenas demais para serem lidas sem uma lupa. Então, viro a carta novamente e o estranho recua: a imagem foi substituída por mais palavras e também por um desenho, um estudo de um detalhe. Uma insígnia, digamos, ou o padrão exato de cicatrizes de uma ferida medonha. E assim por diante, enquanto faço as cartas

saltarem. Os lados mudam constantemente, uma recontagem interminável do item e do dono do item, um livro inteiro registrado em duas pequenas superfícies. As histórias inscritas nessas cartas, eu as conheço de cor. Na minha humilde opinião, essa é a verdadeira magia dos Hedaji: a quantidade infinita de sabedoria que cada um de nós possui. Somos mundos dentro de mundos.

O estranho tenta parar a carta, mas ela escapa de seu alcance. “O que é isso, um truque? O que é isso que você está me mostrando?”

Eu ignoro a pergunta dele. Ele acabará se acalmando. Todos os visitantes ficam nervosos quando chegam. Eles logo se concentram nos artefatos, lembrando-se de suas necessidades. O que de fato os trouxe até aqui. “Olhe atentamente.” Aceno com a mão e voltamos ao início, à ilustração meticulosamente renderizada de um monstruoso crânio de rato. Completamente despojado de pele e carne, o osso limpo. A forma como foi preservado, é quase bela. E a obra de arte capturou isso. Até o brilho laqueado que foi cuidadosamente aplicado sobre o osso, a forma como adiciona um verniz de cor iridescente sobre o marfim.

Sobre meu ombro, o crânio surge da escuridão.

“Era uma parte da armadura de Vylum, o filho druídico do lorde de Hespéria”, digo a Giaran. “Já ouviu falar dele? Não? Ele era amado pelos pobres animais dos esgotos, porões e mausoléus do vilarejo. Não era tão amado pelos humanos.” Não acho que este estranho elegante tenha vindo atrás da maldita peça assustadora de Hespéria; Estou apenas tentando atraí-lo. Eu bato com um dedo na imagem.

“O crânio pertencia a um de seus lacaios favoritos. Um rato inteligente chamado Platão, que foi morto pela guarda da cidade designada a exterminar todos os ratos em tempos de peste. O mestre de Platão não suportou dizer adeus, então ele ficou com o esqueleto para adornar sua túnica. O Rei Rato é uma visão bastante assustadora. Imagine-o enfeitado com os ossos de seus falecidos companheiros roedores. Peles, dentes e caudas. Ele deixa um crânio de rato como cartão de visita quando mata alguém. Para que seus inimigos saibam quem foi o responsável. Mas ele não suportou se separar do de Platão.”

O estranho franze a testa. Bem, é uma visão inquietante, embora eu sinta que ele não é sensível. Este homem não se assusta com a visão da morte.

“Você conhece bem a história dele. É quase como se você estivesse lá.”

“Eu estive lá.” Eu estudo o rosto dele, esperando encontrar pistas de seu

verdadeiro desejo, mas ele age como um ator, escondendo o que não quer que eu veja. “Este é o papel dos Hedaji, sabe: viajamos no tempo e no espaço para registrar momentos de grandes batalha e de glória. Somos os historiadores, capturando momentos com clareza cristalina para que não se percam no tempo.”

Dou uma última olhada no crânio laqueado do rato. “Não é do seu interesse?” Eu afasto a carta. “Isto é mais do seu agrado?” O crânio de rato desaparece na escuridão, substituído por um enorme capacete cinza com camadas de manchas.

O estranho se inclina para a frente, intrigado com o dourado quase invisível sob o cinza. O capacete é, na verdade, um enorme sino de ferro que foi retirado de uma igreja zakarumita no pequeno vilarejo de Chamado do Santo.

“Este é o capacete de um bárbaro chamado Klath-Ulna, O Dourado. Ele estava empenhado em saquear os sinos de ferro de todas as igrejas construídas em nome da fé zakarumita, e cortá-los e quebrá-los para formar parte de sua armadura estampada em ouro. Sacrilégio, alguns diriam, mas Klath-Ulna há muito havia abdicado das crenças da igreja. A vingança se tornou sua religião. Além disso — o sino, embora moldado e esculpido com uma máscara de órbitas oculares e arcadas dentárias, ainda tinha muito ouro que havia sido enxertado no sino — o ouro traz beleza a este objeto de terror... Ele zombava dos inimigos usando aquilo que eles idolatravam para forjar sua própria face assustadora. Ele os fez olhar para a face do *juízo*.”

Giaran lambe os lábios novamente enquanto estuda a imagem. Sim, o ouro definitivamente o agrada mais. Um homem que aprecia dinheiro, então. Talvez até o venere. Ele veio buscar uma parte do legado de Klath-Ulna? O bárbaro assustador significa algo para ele, ou ele foi apenas tentado pela presença de tanto ouro?

Ele se levanta da mesa e se aproxima do capacete. O objeto balança pesadamente no ar nebuloso logo além de seu alcance.

Então, percebo que não, Giaran não quer tocar no capacete: ele está tentando olhar para *além* dele. Ele não estava confuso antes e tentando encontrar uma saída. Está tentando ver quais outros tesouros eu possuo.

Relutante, ele volta a se sentar à mesa. Eu afasto a carta. A área atrás de mim escurece e não há mais nada para competir por sua atenção. Somos só ele e eu.

Decido confrontá-lo diretamente. “O que você está procurando, estranho?”

Ele fica tímido, ou talvez obstinado. Pela segunda vez, ele não responde. Em vez

disso, pergunta: “Todos os Hedaji são como você?”

“Quer saber se somos parentes de sangue? Não, somos mais como sacerdotes, suponho: provenientes de todos os clãs, todas as classes, todas as raças existentes. Acho que fomos escolhidos porque possuímos certos atributos, tendências específicas.”

Ele olha para as paredes espartanas da câmara. “Você deve gostar da solidão, imagino. Só há você aqui, nestas câmaras, não é? Você está sozinha.”

Um dedo gelado desce pela minha coluna. Devo me preocupar? Ele está buscando fraquezas?

Ele sorri ironicamente outra vez. “Não seria agradável para alguém que precisa estar rodeado de pessoas.”

Quando eu era criança, as pessoas diziam que eu era mais feliz na companhia dos outros. Uma líder nata, disse meu pai. Ele pensou que um dia eu lideraria a comunidade de nosso clã, como minha mãe.

Isso não aconteceu, e aquela garota já se foi há muito tempo. Embora ela tenha me visitado ultimamente, lembrando-me do que eu já fui.

“Esta vida solitária parece combinar com você”, ele diz, quase presunçoso. Tão seguro de seus julgamentos. “Combina? Você está feliz aqui, vivendo nas sombras?”

Eu embaralho as cartas. A sensação delas em minhas mãos traz um pouco de conforto. São as histórias dos outros. Estas podem não ser histórias *sobre* mim, mas de certa forma são minhas histórias também, que registrei ao longo dos milênios. São tudo que tenho. São meus filhos, minha família. “É necessário, independentemente de sentimentos pessoais. Buscamos aqueles momentos no tempo que precisam ser capturados, os momentos que não podem ser perdidos.”

“Pelo que sei você não tem permissão para interferir.”

“Isso mesmo. Estamos lá para registrar e nada mais. Não podemos mudar a história, nem mesmo para o indivíduo.”

Ele se inclina para frente até nossos rostos ficarem próximos. Consigo sentir o cheiro do óleo que ele usa para pentear aquela juba prateada e a fumaça de madeira que se agarra à sua roupa. “Mas ouvi falar de uma vez em que um Hedaji fez mais do que apenas registrar. Quando um Hedaji interferiu com o destino.”

Tenho a presença de espírito de não reagir. Consigo manter minha respiração e meu olhar firmes. Não há como ele *saber*. Ele está tentando obter informações. É



ELE ESTÁ PROCURANDO ALGO ESPECÍFICO.

por *isso* que ele veio até aqui.

Eu sorrio. “As pessoas *querem* que os Hedaji quebrem seu juramento: isso nos faria parecer mais humanos. Acessíveis. Mas não. Não somos assim.”

Ele assente. Mas ainda não terminou com o interrogatório. “Deve ser difícil, Tejal, ver todo tipo de gente boa em perigo, sendo morta, e não poder fazer nada a respeito.”

É por isso que ele me procurou? Eu testemunhei algum massacre terrível que é significativo para ele? Ele veio buscar algo além de um objeto? Eu não sei o que poderia ser.

“Não é minha função fazer parte do momento. Os Hedaji certificam-se de que existe um registro. Um registro só é bom se for compartilhado com outras pessoas. Dessa forma, os Hedaji cumprem um papel vital. Nós permitimos a lembrança, tanto do mal quanto do bem.”

Ele olha fixamente para mim: ele quer uma resposta. Ele não vai mais tolerar meus desvios e meias-verdades. “Mas certamente houve momentos em que você quis agir... Degradação de donzelas, a matança de inocentes? Certamente você já viu atos tão injustos, tão indevidos, que sabia que era um crime contra o universo *não agir*.”

Ele está transtornado agora, o mais perto que já estive do verdadeiro motivo pelo qual veio até aqui. Ele está buscando justiça? É tolo o suficiente para achar que estou em posição de dar isso a ele?

Ou está buscando justiça *de mim*.

“Você sabe pouco sobre o universo, amigo”, é tudo o que posso dizer.

Ele se levanta da mesa mais uma vez e adentra a escuridão atrás de mim. Ele quer estudar as peças que tenho em exposição, e desta vez permito que as sombras o deixem se aproximar. Ele se aproxima das prateleiras, seus olhos pulando de um objeto para outro. Embora seja uma exibição impressionante, minha coleção está reproduzida principalmente nas cartas. Os objetos físicos que guardo comigo não são os mais importantes ou os mais caros.

São os que cativaram minha imaginação, ou simpatia.

Ele caminha de peça em peça, mantendo sempre uma distância respeitosa. Ele vai devagar, andando somente depois de ter estudado um objeto com a atenção arrebatada de um erudito. Não consigo deixar de pensar que é uma encenação, no entanto. Ele está procurando algo específico.

Ele nem para no pedaço de tecido vermelho que faz parte da minha coleção pessoal. Por que deveria? Está velho e esfarrapado e pode ser facilmente confundido com um pano de limpeza. Ele não vê o fragmento de um sigilo desbotado, quase invisível em um canto. A linha da mandíbula de um dragão, a curva de uma lua crescente.

Ele para na peça mais simples e enigmática da minha coleção. É um anel, uma pequena coisa destinada a ser usada por uma menina ou jovem mulher. Não é feito de metal precioso, não tem joias. É feito de uma liga simples. Afixado ao anel, há um espinho longo e fino, do comprimento da mão de um homem. Mesmo sendo uma joia, esse espinho tem um propósito, e não é meramente um adorno.

“Isso é curioso”, ele diz, inclinando-se para olhar mais de perto. “Nunca vi nada igual.”

“É muito antigo.” Eu decido testá-lo. Levanto meu véu para vê-lo melhor. “Pertence a um clã que se foi há muito tempo. Os Damji. Já ouviu falar deles?”

Ele acaricia o queixo. “Você ficaria surpresa em saber que *sim*?”

É impossível.

Quem é este homem?

A mão dele paira sobre o anel. Ele olha para mim implorando. “Posso?”

Concordo com a cabeça, curiosa para ver se, finalmente, ele revelará quem é.

Ele pega o artefato, com reverência. Ele o vira, avaliando de todos os ângulos. “O que é isso?”

“O que você acha?”

Ele passa um dedo pela ponta longa do espinho. “Acho que pode ser usado como uma arma de curta distância, como um estilete. Daria para enfiar esta ponta no pescoço de um agressor... ou perfurar um olho até o cérebro.”

Nos revelamos em nossas escolhas. “Que mentalidade violenta você tem”, digo a ele. Eu olho para o objeto em sua mão. “É exatamente o que parece ser: um anel.”

Ele franze a testa para a peça antes de devolvê-la à estante. “Por que o espinho longo? Parece bastante estranho para algo que se usaria como adorno...”

“Serve a um segundo propósito específico para os Damji. O poder da magia vinha da comunidade. Eles trabalhavam apenas em grupo, e a haste naquele anel funcionava como um para-raios, atenuando o poder deles.”

As sobrancelhas dele se erguem de surpresa.

“Era algo realmente memorável — foi o que ouvi. Eles eram um grupo poderoso para o seu tempo. E agora perdido para sempre. Isso só mostra que o tempo engole todos nós: os grandes, os pequenos, os fortes, os fracos.”

Ele parece considerar o anel com maior apreço agora. “Um grupo com uma perspectiva única sobre magia e sobre como manejá-la... É uma pena que não haja mais Damji.”

“Sim”, eu respondo, fazendo o meu melhor para não revelar nada. “Todos se foram.”

Exceto um.



Lembro da primeira vez que vi Badaal. Eu tinha acabado de passar pelo meu Dia da Realização. Como Damji, agora eu era considerada uma adulta. Mas por quase qualquer parâmetro, eu não era adulta. Eu estava apenas começando a desenvolver as pernas longas e robustas do meu povo e começando a desenvolver minha habilidade de ver no escuro, que eu precisava para participar das caçadas noturnas (a caça é melhor depois que o sol se põe, pois diminui a possibilidade de insolação em nossa terra abençoada pelo sol).

Eu estava em casa com membros do meu clã. Cada Damji era considerado parte de uma família. Estas mulheres eram minhas irmãs, tias, primas. Os homens, meus irmãos e tios. Minha mãe, a matriarca do nosso clã, estava consultando os anciãos, seu costume àquela hora do dia. Várias das crianças mais velhas preparavam a refeição da noite, enquanto as mais novas trabalhavam na forma de um jogo: cortando couro seco em tiras para trançar em cordas e redes. Todos estavam trabalhando, exceto eu.

Eu estava sendo petulante, me escondendo na varanda onde podia espionar todo mundo. Temia que minha vida fosse terminar logo, em vez de estar apenas

começando. Eu não teria mais permissão para fazer o que quisesse. Um papel principal logo seria escolhido para mim, e então a direção da minha vida seria definida. Eu sabia qual seria o papel: esperava-se que eu fosse uma líder do meu povo, como minha mãe. Eu não tinha certeza se aquilo era que eu queria. Sinceramente, se era algo que eu seria capaz de fazer. Eu ainda precisava ser testada. Além disso, agora eles encontrariam um parceiro para mim entre os outros da minha idade. Dentro de alguns anos, eu me casaria. Tudo mudaria em breve, independentemente da minha vontade.

A única coisa que não mudaria era a prática espiritual da nossa família. Esperava-se que todos no meu clã fizessem parte disso. Era uma coisa da qual eu ainda poderia participar: a magia dos Damji era compartilhada igualmente pelos membros. Era específica e individual, sim, mas isso que era o interessante, o fator *único*: era para ser uma experiência compartilhada. Quanto mais de nós praticássemos ao mesmo tempo, mais forte era a magia. Isso significava que todos da família eram encorajados a aprender a arte mágica.

Dá para ver por que isso fazia outros clãs suspeitarem de nós. Alguns tinham muito medo. Eu tinha ouvido meu pai e meus tios à noite, reunidos em volta da fogueira, conversando sobre a inveja dos clãs rivais. Eles cobiçavam nossa tranquilidade. Nossa união. Nossa magia, que podia transmutar um material em outro. Outros clãs eram frequentemente dilacerados por inveja e ganância, pela aspiração individual, pela eterna fome do ego. Não era assim com os Damji. Enquanto estivéssemos juntos, pensei, estaríamos seguros. Nós éramos fortes.

Eu estava na varanda, escondida sob um toldo volumoso, quando ouvi uma comoção. Veio do pátio em direção aos estábulos onde os animais eram mantidos. Parecia que uma briga havia começado entre o grupo, o que era improvável. Eles estavam pastoreando o rebanho para garantir que estivessem protegidos durante a parte mais quente do dia. Havia pouca sombra na savana e o sol intenso podia desidratar um camelo ou um boi em poucas horas. Ninguém queria ficar no calor do meio-dia nem por um minuto a mais do que o necessário. Alguém podia estar de mau humor, é verdade, mas eles trabalhariam juntos para realizar a tarefa rapidamente.

Foi quando vi o clarão de uma explosão e ouvi a trovoadas.

Aconteceu rapidamente depois disso. Da posição privilegiada da varanda, vi

homens em trajes desconhecidos, capas de muitas cores, emergindo dos celeiros, cajados mágicos erguidos. Todos usavam lenços vermelhos para esconder seus rostos. Uma espessa coluna de fumaça preta subia sobre os prédios, cheirando a caos e destruição. Então, mais explosões, mais clarões de luz, o cheiro de enxofre e fogo do inferno e outros ingredientes impossíveis e profanos. Os jovens correndo, gritando. O estrondo das explosões às suas costas, o grito de gente morrendo.

Não era qualquer um: meus irmãos, irmãs, tias, tios e primos. Meu pai.

As pessoas na cozinha também ouviram as explosões e entraram em pânico. Mas minha mãe, calma e inteligente, uma líder nata, começou a organizá-los rapidamente. Do lado de fora, nossos parentes não tinham armas, ela sabia. Não havia razão para carregar armas para cuidar do rebanho ao meio-dia. Não havia predadores em nosso vale.

Não pensamos nos predadores vindos de fora. Não sabíamos como a inveja e o medo poderiam levar uma pessoa — ou outro clã — a fazer o impensável.

Por que minha mãe não convocou o clã para a magia? Uma pergunta razoável. Ela não estava usando o anel. Nenhum de nós estava. Parecia desnecessário na segurança de nossa casa. Assim como você não carregaria uma besta para a mesa de jantar ou levaria frascos de veneno para a cama.

Minha mãe agora estava correndo atrás do anel, e incitando os outros a buscarem os deles também.

Eles não chegaram muito longe antes que a porta da frente se abrisse violentamente.

Os homens com aquelas capas multicoloridas invadiram. Seus cajados erguidos e apontados para os membros da minha família. Eu esperava que os ordenassem a se ajoelhar no chão ou encostar na parede. Pensei que tivessem vindo pelas mulheres jovens. O roubo de noivas não era incomum, embora geralmente fosse feito por um homem, talvez com um ou dois amigos para ganhar coragem. Eu nunca tinha ouvido falar de roubarem noivas em bando assim.

Mas então eles levantaram os cajados.

Inicialmente, recuei com a visão sangrenta e violenta diante dos meus olhos, me arrastando mais para baixo do toldo. Depois, eu quis tentar correr para salvá-los. Eu sabia, porém, que não havia nada que eu pudesse fazer. Eu deveria ter ficado escondida na varanda, esperando ser confundida com uma pilha de roupas. Mas eu

sabia que não poderia permanecer escondida. Melhor morrer com minha família do que passar o resto dos meus dias sabendo que estava sozinha no universo por causa da minha covardia.

Joguei fora o toldo e parti para o ataque. Desci as escadas correndo e, com um rugido poderoso, me joguei contra um dos agressores. Era um homem jovem, não era mais velho que eu. Ele parecia surpreso. O plano deles tinha ido tão bem. Minha família nunca esperaria ser atacada em sua casa comunitária assim. É por isso que não criamos uma aura de proteção. Tínhamos sido muito confiantes.

Ele quase caiu para trás ao me ver. Foi quando vi que ele tinha um cajado. Ele também era um mago, mas talvez um neófito, a julgar pela juventude. Ele ergueu o cajado e se concentrou com toda a força ao apontá-lo para mim, recitando palavras que não consegui entender.

Séculos depois, ainda lembro da dor que me inundou. Foi como se eu tivesse pegado fogo. Tão intenso que tudo mais — os gritos, o lamento, o cheiro de sangue — desapareceu. Era só eu e um fogo subindo pelo lado direito do meu corpo.

Abri os olhos e descobri que estava deitada no chão. Senti como se estivesse flutuando. Por todo lado, estava acontecendo um massacre, mas eu não ouvia nada, não sentia nada. Não conseguia me mover. Agora eu sei que estava em choque. O menino que me machucou estava inclinado sobre mim, imaginando se eu estava morrendo.

Minha parte na batalha campal havia terminado. Eu não podia ajudar ninguém. Eu não podia nem me ajudar.

E então, por cima do ombro direito do menino, eu vi Badaal. Ele se fez visível para mim e somente para mim. Eu teria ficado assustada, confundindo-o com um demônio ou fantasma, não fosse pelo olhar de extrema pena em seus olhos. Ainda consigo imaginá-lo como o vi naquele dia. A cabeça calva, tão branca que parecia azulada. Sua longa túnica preta descia até os tornozelos. Aqueles olhos pretos perfurantes. E aquele olhar de grande, grande tristeza.

“Finja que está morta.” Eu ouvi suas palavras em minha cabeça, embora seus lábios não se movessem. *“Se você fingir que está morta, ele não vai te machucar novamente. Vai acreditar que você está morta também. Eu cuidarei disso.”*

Eu fiz como ele instruiu.

A última coisa que vi foi minha mãe morrendo. Ela rastejou sobre minha irmã mais nova para protegê-la. O homem que as confrontou não teve pena e cravou

uma lâmina no peito da minha mãe antes de cortar a garganta da minha irmã. Concentrei-me nos olhos dele, olhos cruéis. Os assassinos, descobri ao longo dos milênios, todos têm os mesmos olhos.

Fingi estar morta por horas. Fiquei totalmente imóvel enquanto os agressores da minha família celebravam em nossa casa ensanguentada. Eles cutucavam os corpos com as botas para garantir que todos estivessem mortos. Eles mergulharam os dedos nas feridas das minhas irmãs e mancharam de vermelho as testas de seus filhos mais novos para simbolizar seu primeiro abate.

Depois que eles partiram, Badaal se materializou em carne e osso. Ele me carregou para outra parte da casa. Ele aplicou bálsamo em minhas feridas, usando um pedaço do lenço vermelho do meu agressor para enfaixá-las.

“Quem é você?” Eu perguntei, quando a capacidade de falar voltou.

Ele falava gentilmente e se movia com uma delicadeza requintada. “Fui enviado para registrar o evento que aconteceu hoje.”

“O massacre.” Mesmo naquela idade, eu sabia o que era.

“Sim, o massacre.”

“Eles não eram bandidos. Não vieram nos roubar. Eles eram magos.” Eu senti que precisava contar a alguém. Que este fato tinha que ser esclarecido.

“Você precisa esquecer essa parte...”

“Esquecer?” As palavras engasgaram. “Como posso esquecer?”

Ele colocou as mãos sobre as minhas, e seu toque afrouxou algo dentro de mim. Mais uma vez, eu estava flutuando, sendo gentilmente separada do horror que me cercava. “Tudo ficará claro... na hora certa. Enquanto isso, levarei você para longe daqui. Para algum lugar seguro. Você me permite fazer isso?”

Relutantemente, assenti com a cabeça.

Ele abaixou a cabeça. “Você pode me desprezar por não agir, por não fazer nada enquanto...” Nossos pensamentos foram para os corpos que esfriavam a menos de trinta metros de distância. “Mas não estava em meu poder. Não era o meu papel. Veja, eu sou um Hedaji. Somos proibidos de agir, mesmo na aniquilação de um clã inteiro. Infelizmente, tais eventos não são incomuns na história do universo. Eu estava lá apenas para fazer meu trabalho, para registrar. Para testemunhar.”

Toquei em sua mão enquanto ele amarrava a bandagem. “E mesmo assim você agiu.”

Ele sorriu. “Eu vi você se jogar contra os agressores e soube naquele momento que o que eu estava testemunhando não era o acaso. Não era o destino. Nesse instante, o tempo se apresentou de duas maneiras, como uma bifurcação no caminho do tempo. Se você vivesse, faria algo grandioso.” Não estou me lisonjeando: isso foi algo que Badaal viu. Eu não saberia até muito tempo depois que Badaal era um vidente de grande poder.

Ele não podia ignorar esse sentimento. Ele tinha que me salvar.

“Está além do meu poder salvá-la, a menos que você se torne uma Hedaji. Esta é a única ação que podemos tomar: podemos intervir se encontrarmos um candidato adequado para se juntar a nós.” Os olhos dele sorriram quando olhou para mim. “E você seria uma excelente candidata.

“Além disso, seria mais seguro. Você ficará escondida na maior parte do tempo. Ninguém poderá vê-la, a menos que você permita. Considerando o que aconteceu com sua família, acho que você concorda que ninguém *deveria* vê-la agora. Ninguém deve saber que alguém do seu clã sobreviveu a este dia. Não até que você saiba quem está por trás disso e por que eles queriam que sua família fosse morta.”

“Mas se você pode ver tudo, deve saber quem são essas pessoas e por que fizeram isso”, eu disse a ele.

Badaal se afastou de mim. “Parte da maldição de ser um Hedaji é... conhecimento. A vida na ordem não é fácil, Tejal. Detalhes serão compartilhados com você... Você será testemunha do desolador e do horrendo. O alicerce do universo não é a bondade. O universo é cego ao sofrimento. E você precisa testemunhar de tudo isso. Você precisa obedecer às suas limitações. Você nunca deve agir, e há uma razão para isso.”

“Como você lida com isso?” Perguntei. Eu viria a conhecer bem Badaal, pois passaríamos muito tempo juntos. Sei que ele é um indivíduo decente e gentil. Mas naquele dia eu me perguntei se ele era algum tipo de monstro.

“Você aprende a aceitar o que não pode controlar. Se você tem fé na importância da missão, entende que ela precisa ser concluída. Nem todos podem ser grandes heróis. No entanto, sem os Hedaji, sem os escribas, não haveria um registro perfeitamente completo de muitos dos feitos heroicos da humanidade. Seria como se esses feitos heroicos nunca tivessem acontecido.”

Mas naquele dia — quebrando seu juramento para me resgatar — Badaal ousou ser um herói.

⊕ INTENS⊕ FASCÍNI⊕ DE GIARAN
PELA CHAVE SÓ P⊕DE SIGNIFICAR
UMA C⊕ISA: ELE F⊕I ENVIAD⊕ PARA
ME MATAR.

Eu ouvi Badaal. Aceitei sua oferta e me dediquei aos Hedaji. No início, fiz isso porque era uma solução para o meu dilema. Também senti que devia isso a Badaal por me salvar. Foi apenas na plenitude do tempo que realmente aceitei meu dever. Minha obrigação. Vi que era minha vocação.

O que não quer dizer que as restrições nunca tenham incomodado. Por baixo do capuz e da tinta, eu ainda era humana. Tinha um coração e ainda era capaz de sentir emoções.



Giaran está me deixando nervosa. É a primeira vez que me sinto assim em muito, muito tempo. Afinal, estou protegida.

Eu me afasto da mesa. “Você veio até aqui porque está procurando algo. Por que você não me diz e acaba com essa brincadeira?”

Ele vai se irritar com as minhas palavras, eu acho. Ou talvez eu o tenha entendido mal. Ele pode não saber o que queria. Algumas pessoas escondem seus desejos mais profundos até de si mesmas. Às vezes, são tímidas demais ou têm vergonha de pedir.

Mas então sigo seu olhar e sei exatamente o que ele está procurando.

Ele está olhando para o espaço entre meus seios.

Isso não tem nada a ver com luxúria, no entanto. Aninhado entre meus seios está um artefato, usado como um pingente em uma tira de couro. É um pedaço de ferro pesado e moldado.

Uma chave. Uma chave comum, do tipo que parece poder abrir uma porta simples em uma taverna qualquer. Uma chave tão ordinária que não há motivo para o estranho ficar boquiaberto.

A menos que Giaran saiba o que é, saiba qual porta abre.

Aposto que sabe.

Ele não veio pelo anel. O anel era apenas um teste. Provou que eu sabia sobre os Damji — intimamente. Não, ele veio pela chave.

A chave abre o cofre que guarda meu segredo mais importante. Foi escondido por uma bruxa de Hawezar que realizou um feitiço para mim. Eu argumentei com a bruxa que manteria meu segredo escondido, mas ela insistiu que seria mais seguro se fosse escondido por outra pessoa. Se eu não soubesse onde está escondido, nunca poderia revelar sob a dor da tortura, não é?

O acordo foi que a bruxa me daria a chave. Agora, qualquer um que quisesse me matar precisaria passar por duas etapas: descobrir onde esse talismã secreto está escondido e depois arrancar a chave de mim — não necessariamente nessa ordem.

Parecia um bom plano. Manteve-me imortal por todos esses séculos.

O que eu não sabia naquela época, sendo muito mais jovem e menos experiente quando o feitiço foi lançado, é que as bruxas podem ser — e são — subornadas. Com uma frequência assustadora.

O intenso fascínio de Giaran pela chave só pode significar uma coisa: ele foi enviado para me matar.

Quando olho em seus olhos azuis, tudo se encaixa. Eu conheço o tipo dele. É um assassino, um matador mercenário. Os olhos de assassino o delataram. Alguém viu o anel Damji em minha coleção e descobriu que nem todos os Damji foram eliminados naquele dia terrível. Alguém escapou por meio de medidas extraordinárias e imprevistas.

Por que agora? Por que alguém enviaria um assassino profissional para vasculhar o universo para me encontrar? Assassinos desse calibre não são baratos. Consigo imaginar uma série de razões pelas quais alguém quisesse a minha morte. Talvez eu tenha ficado parada e deixado o ente querido de alguém morrer. A mãe ou pai de alguém, ou filha pequena.

Embora seja improvável que eles consigam me conectar a essas mortes. Ninguém consegue ver uma Hedaji enquanto ela está escrevendo.

Não, esse rancor é anterior à época que me juntei aos Hedaji.

O que me faz pensar no massacre dos Damji.

Eu nunca soube quem estava por trás do ataque à minha família. Badaal insistiu

que eu esquecesse, que me recusasse a manter uma memória tão prejudicial em minha consciência. Se eu não esquecesse, ele alertou, nunca me curaria. Ele sabia que estava pedindo muito, mas isso provaria que eu tinha autocontrole e disciplina para ser uma Hedaji, talvez a melhor Hedaji de todas.

Foi difícil, mas desisti daquela curiosidade. Afinal, satisfazer a curiosidade não os traria de volta. Eu não ficaria menos sozinha.

Agora, séculos depois, vejo que qualquer rixa que tenha causado o massacre da minha família não havia acabado. Não terminaria até que o último Damji estivesse morto.

Ou talvez o objetivo fosse eliminar a capacidade de contar o que havia acontecido. *De testemunhar. De dar testemunho.*

Poderia Giaran ter sido enviado para me matar para que o massacre da minha família ficasse no passado? Alguém — talvez um clã ou família — querendo que sua culpa permaneça oculta? Meu pai discutiu com vários clãs poderosos. Qualquer um deles pode ser o responsável. Invejosos ou ávidos por aprender sobre nossas técnicas, nossas habilidades especiais capazes de coisas como transformar metal em ouro.

Todos esses pensamentos irrompem de uma só vez. Talvez por tê-los carregado no meu inconsciente. Badaal entendeu desde o início: preciso permanecer escondida. Alguém pode vir me procurar. É mais seguro assim, escondida como uma Hedaji.

Ele estava certo, mas parece que minha atração por artefatos foi minha ruína.

Mas também há uma fraqueza dos Hedaji: somos criaturas solitárias. Vivemos sozinhos.

E vivendo sozinho, não há ninguém para ouvir seus gritos enquanto você morre.



Giaran percebe que olho para ele. Ele sabe que eu já entendi.

Minhas opções surgem de repente. Eu poderia lutar pela minha vida. Estamos na minha casa. Eu tenho a vantagem. Ele não sabe se alguém pode chegar, se outro cliente pode aparecer em um redemoinho de névoa. Ele não sabe quais artefatos

mortais estão pendurados em minhas paredes. Armas que eu poderia ter em minhas mãos em um instante.

O que ele sabe sobre mim é, sem dúvida, limitado.

Mas eu não me engano: ele é um assassino profissional.

Ele viu que me falta um dedo e tirou a conclusão correta: estou protegida por um feitiço de imortalidade.

Ele está de posse de todos os dedos, então, a menos que esteja protegido por algum outro feitiço ou amuleto, ele é vulnerável (desde que eu possa chegar perto o suficiente para matá-lo). Mas isso parece improvável.

Nenhuma das minhas opções parece boa. O desfecho mais provável é que ele me aprisione até conseguir quebrar o feitiço. Nesse momento, ele vai me matar. Existe a chance de eu simplesmente dissolver em pó assim que o feitiço for quebrado, voltando ao meu estado orgânico e me rendendo às restrições do tempo.

Agora entendo o sentimento que tive desde que ele se materializou em meu salão: Giaran veio com más intenções. Pode ser o começo do meu fim. Meu coração acelera. O suor brota em meu lábio superior, embora eu saiba que ainda não vou morrer.

E então: um distanciamento gelado cai sobre mim como uma onda do mar. É o dom dos Hedaji, a capacidade de simplesmente observar sem julgar ou sentir a necessidade de encontrar uma solução. Vejo este momento como ele é, parte de uma cadeia que começou quando minha família foi morta e Badaal decidiu intervir. Era inevitável que, um dia, o círculo se completasse e eu voltasse a este ponto. Os eventos daquele dia um dia levariam à minha morte ou à capacidade de vingar minha família.

Os Hedaji não reconhecem a vingança, no entanto.

Eu já fui uma Damji, há muito tempo.

Mas sou uma Hedaji *agora*.

É como se o tempo estivesse congelado. Giaran continua me estudando, tentando discernir o que estou pensando. Estou calculando qual meu próximo passo *precisa* ser, porque não haverá segunda chance.

Eu poderia matá-lo. A vontade de se preservar é forte. Parece estranho porque não penso assim há muito tempo. Estando protegida, simplesmente não era necessário. Isso é diferente. Se eu matar este homem, meu futuro está garantido.



SOU UMA HEDAJI. AINDA HÁ HISTÓRIAS PARA REGISTRAR, ATÉ OS MÍNIMOS DETALHES.

Pelo menos até o próximo assassino me encontrar.

Consgio imaginar como tirar a vida deste homem. Posso me jogar contra ele, empurrá-lo contra a parede. Fixada em um expositor na parede há uma adaga que pertenceu a um necromante renegado. A lâmina de osso pode não estar mais tão afiada, mas aplicando força suficiente, pode perfurar as costelas de um homem. O estranho tem uma espada e quem sabe o que mais escondido nele, mas eu teria o elemento surpresa, e o feitiço de proteção desaceleraria sua mão, o atrapalharia com a bainha da espada. Atrasaria o suficiente para me dar tempo para atacar.

Sangue lateja em meus ouvidos. *Eu poderia matá-lo, mas isso é permitido?* Sua morte poderia mudar o curso do tempo.

Antes que eu pudesse abordar essa questão, no entanto, a decisão é tirada de minhas mãos.

Ele se move mais rápido do que eu imaginava ser possível. Antes que eu pudesse piscar, ele salta sobre mim, saltando sobre a mesa com a agilidade de um gato selvagem. Nós caímos no chão. O peso dele me prendendo. Para um homem tão magro, ele é surpreendentemente pesado. Ele é só músculos e ossos.

Tento segurar suas mãos para impedi-lo de pegar sua espada ou uma adaga escondida. Ele pode não ser capaz de me matar imediatamente, mas pode me ferir, me impossibilitando de me defender. Não quero acabar amarrada e amordaçada.

Nós lutamos, mas será apenas uma questão de tempo até que eu me canse, e sei que vou cansar antes dele. Agora consigo ver o quão forte ele é. Eu o subestimei antes, coloquei muita fé no feitiço de proteção.

Ele agarra meu corpete e me sacode. Cada puxão faz as tiras apertadas cravarem em minhas costelas e coluna. Enfraqueço rapidamente enquanto o que resta de oxigênio é espremido para fora dos meus pulmões. Luto freneticamente com suas mãos, tentando me livrar de seu domínio, mas sem sucesso.

Ele está olhando para a chave. A fixação dele é total, praticamente queima

minha carne.

Só então me lembro e percebo: *deixe ele pegar a chave.*

Eu diminuo o aperto em seus pulsos e ele se solta, achando que cometi um erro ou que estou exausta. Ele agarra a chave, partindo a tira com um forte puxão.

Com as últimas forças, lanço um feitiço que me impele para longe dele. Isso me dá apenas alguns metros de separação, mas ao mesmo tempo me envolve em uma aura protetora. Não vai durar muito, mas rezo para que seja dissuasor o bastante.

Ele se levanta do chão, tonto. Ele olha para a chave em sua mão, sem acreditar em sua sorte. Então ele olha para mim. Estou visível por atrás da névoa. Eu me encolho no chão, como se estivesse indefesa.

Preciso convencê-lo de que não sou uma ameaça.

Ele olha com desprezo e enfia a chave dentro do casaco. Tenho certeza de que ele preferiria me levar junto. Seria a coisa mais prudente a fazer. Mas agora estou atrás de um escudo que ele não pode perfurar, e ele sabe que não precisa me levar com ele. Minha vida pode terminar quando o feitiço for desfeito, ou ele pode simplesmente me rastrear novamente e terminar o trabalho. Então, neste momento, ele vai tomar o caminho menos seguro porque é mais fácil e ele quer acabar com esse maldito trabalho e passar para o próximo.

Ele desaparece em uma nuvem de névoa.

Respiro aliviada.

O que ele não sabe — o que acabei de lembrar — é que a chave é uma armadilha. Eu a envolvi em um feitiço que destruirá quem tentar usá-la. É arriscado... Ao fazer isso, eu me condenei à imortalidade. Não era porque eu queria viver para sempre. Eu temia, na verdade, por ter falado uma vez com um mago que fez a mesma coisa e se arrependeu, enrugado e mais parecido com uma tartaruga do que com um homem.

Ele também estava sozinho no universo. Todos que ele conhecia estavam mortos.

Ao contrário do velho mago, no entanto, eu tinha algo pelo que viver. Sou uma Hedaji. Ainda há histórias para registrar, até os mínimos detalhes.

Eu levanto do chão, testando minhas articulações doloridas, reajustando as alças do meu corpete. O desejo de seguir Giaran é forte, mas inútil. Não há necessidade. Quando ele tentar usar a chave, será destruído, e eu poderei recuperar a chave. Estou segura... mas é difícil de acreditar, especialmente depois de lutar

com o homem pela minha vida. Leva bastante tempo até minha respiração voltar ao normal, até minha mente desacelerar e analisar os fatos lenta e precisamente.

Alguém do meu passado distante, meu passado como Damji, quer minha morte. Eles não conseguirão desta vez. Será que tentarão de novo? Vou até as estantes e pego aquele pedaço de tecido que Badaal sabiamente deixou comigo há centenas de anos. Os meios para encontrá-los sempre estiveram comigo. Não procurá-los foi escolha minha. Se essa situação mudar, bem... Estou em uma boa posição para assistir. Os Hedaji são espíões, os melhores espíões de todos os mundos. Agora que sei que corro perigo, vou observar.

O ar começa a tremeluzir. Outro visitante está chegando.

Apresso-me para arrumar os móveis que foram derrubados, para trazer um ar de calma ao ambiente. É difícil forçar um ar de calma em mim, no entanto.

A névoa rodopia, depois se dissipa, e outro visitante aparece no centro do meu salão. Forço um sorriso no rosto.

“Bem-vindo, estranho! Vamos ver o que o destino reservou para você hoje?”



ALMA KATSU escreve romances desde 2011. A maioria dos livros de Alma Katsu combina ficção histórica com elementos sobrenaturais ou de terror. Seu trabalho recebeu críticas estreladas de *Publishers Weekly*, *Booklist* e *Library Journal*; foi destaque no *New York Times* e no *Washington Post*; foi indicada e ganhou prêmios nos Estados Unidos e internacionalmente; e apareceu em várias listas de melhores livros, incluindo NPR, Apple Books, Goodreads e Amazon. *The Hunger* (2018), uma releitura da história da Caravana Donner, foi eleita uma das 100 histórias de terror favoritas da NPR e continua sendo homenageada como um novo clássico do terror. Seu romance de terror mais recente, *The Fervor*, foi indicado aos prêmios Stoker e Locus de melhor terror e de melhor capa dura pela International Thriller Writers. Ela também escreve thrillers de espionagem, o casamento lógico de seu amor por contar histórias com sua carreira de mais de trinta anos na inteligência. *Red Widow* (2021), seu primeiro romance de espionagem, foi uma escolha do editor do *New York Times* e indicado para o International Thriller Writers' Best Novel. O segundo livro da série, *Red London*, foi publicado em março de 2023 com excelentes críticas e foi escolhido para uma série de TV.



TEJAL TEM MUITAS
HISTÓRIAS PARA
CÔNTAR. OUTROS
CÔNTOS DOS HEDAJI
CHEGARÃO EM BREVE...